

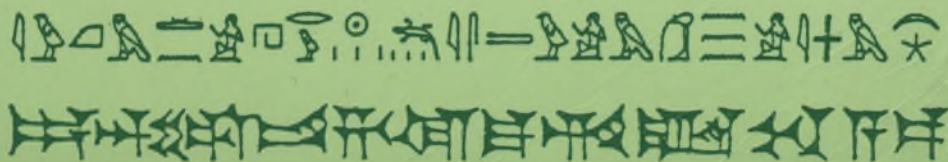
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

2



E D I C O E S
C O S M O S



surgiu num clima de fortes antagonismos sociais (p. 173). «Se tomarmos a sério a afirmação que a exegese histórico-crítica do especialista de Antigo Testamento e a interpretação marxista do filósofo são duas torrentes da mesma fonte, então a compreensão filosófica do material de Job pelo marxista checo Milan Machovec e a sua relação com a filosofia existencial e com a interpretação de Ernst Bloch são não apenas um apêndice («Anhängsel») para a exegese veterotestamentária, mas parte integral de uma compreensão global de Job» (p. 172). A interpretação marxista teria a ganhar com a análise histórico-social dos *Alttestamentler*. E estes com as preocupações sociais dos marxistas. «Importante é que a visão teológica da questão de Job não sublima apressadamente em Deus problemas e antagonismos, e tome a sério a crítica da filosofia marxista em vez de rejeitar a interpretação filosófica como teologicamente inaceitável» (p. 174).

O estudo de H. E. Todt procura iluminar um capítulo incómodo da história alemã contemporânea — a relação da Igreja oficial evangélica com o anti-semitismo e o pogrom de Novembro de 1938. Enquanto regista «com vergonha e horror que nenhum protesto alto e público se ouviu da Igreja evangélica contra esse acto e as medidas que se lhe seguiram» (p. 206), o Autor recorda, entre outras coisas, a grande pressão a que essa comissão esteve sujeita e a rejeição enérgica do bispo Wurm e do seu círculo.

José Nunes Carreira

MANFRED GORG, *Beitrage zu Zeitgeschichte der Anfänger Israels, Dokumente — Materialien — Notizen (Ägypten und Altes Testament, 2)* Otto Harrassowitz, Wiesbaden 1989, 225 pp. + 40 pranchas.

O *Alttestamentler* e o egiptólogo de Munique oferece aos especialistas e interessados de um e outro campo científico um conjunto de estudos egiptológicos para a história de Israel. É que «a *história de Israel*, reconhece o Autor logo de entrada, começa antes da história de *Israel*. Uma tentativa de reconstrução dos processos que levaram à formação de uma entidade política e unidade 'Israel' tem de ter em conta desenvolvimentos de longa duração no Próximo Oriente e mudanças políticas estruturais no domínio das relações entre as potências orientais da Ásia Anterior e do Egipto. (...) A presente co-

leção de estudos parcelares não quer mais que dar uma olhadela pela oficina de longo convívio com material extrabíblico, antes de mais com ajuda de documentos dos domínios da civilização egípcia, para a topografia e etnologia históricas do espaço da Ásia Anterior» (prefácio).

É todo este espaço geográfico e cultural da Ásia Anterior pré-clássica que sai iluminado destes sugestivos estudos, parte dos quais (quinze no total de trinta e dois) reimpressos de «Biblische Notizen», onde apareceram entre 1976 e 1988. Sobre a Síria da última metade do 2.º milénio pré-cristão há contributos esclarecedores. Menciono «A Síria na perspectiva de Amenophis I» (pp. 1-5); «Sobre a transmissão de grupos de nomes tutmósidas» (pp. 27-34); «Topónimos transjordanos sob Amenófis III» (pp. 40-53); «Kinza (Cades) em listas hieroglíficas» (pp. 99-100); «Topónimos moabitas primitivos» (pp. 115-122); «Mais observações sobre a chamada campanha moabita de Ramsés II» (pp. 135-134); «Sobre a identidade dos 'países de Seir'» (pp. 135-140); «Dor, os Teucros e os Gargasitas» (pp. 141-148); «Sobre o problema de uma atestação primitiva de Aram» (pp. 157-160); «Sobre o nome do príncipe de Tanach» (pp. 167-170).

Alarga-se o horizonte em: «Topónimos siro-mesopotâmicos nos primórdios do Império Novo» (pp. 15-21); «De 'Tahsi' para 'Hatti'» (pp. 35-39); «Aménofis III e o centro dos Cassitas» (pp. 75-87) com o apêndice (Nachtrag) «Sobre um selo com o nome de Kurigalzu de Babilónia em hieróglifos» (pp. 88-89); «Mais três ocorrências de topónimos asiáticos no Egípto: (pp. 90-92); «Beduínos s3sw e nómadas *sutu*» (pp. 161-163); «Um inspector asiático-egípcio em Timna» (pp. 175-179); «Outro contemporâneo: Tukulti-Ninurta I de Assur» (pp. 197-217).

Entram certamente na perspectiva da história de Israel: «Terminologia de aliança' no texto de Ramsés III sobre os Povos do Mar» (pp. 149-156); «Um cananeu no Sinai» (pp. 164-166); «Abraão — perspectivas históricas» (pp. 171-174), «Javé — um topónimo?» (pp. 180-187); «Um deus Amalek?» (pp. 195-196).

A pré-história de Issacar vê-se iluminada com o topónimo *škr*, atestado numa lista egípcia e apontando para o norte da Palestina (pp. 65-66). *Bwrt* pode decompor-se em *bwt rt*, «casa de Lot», patriarca dos habitantes pré-moabitas da Transjordânia (pp. 115-117). O porto palestinese de Dor, que, ao contrário do que pretendeu J. P. Brown, nada tem a ver com a invasão dos Dórios (pp. 141-142), ocorre pela primeira vez (?) numa lista de Ramsés II (p. 143). Se o nome de Abraão se pode relacionar com o nome próprio *Rhm*, de

uma lista de Sethi I («So steht der These einer Verbindung... vom Standpunkt der Phonetik nichts ernsthaft im Wege», p. 172), ganha-se nova perspectiva para o enquadramento histórico do Patriarca nas tribos *shosu* (pp. 171-174).

Dois topónimos mencionados em textos egípcios poderiam esconder foneticamente o tetragrama divino *Yhwh* (Javé): *y-hw-yw*, do Império Médio, e *yhw*, do Império Novo. Mas o primeiro, «só dificilmente e com esforço se pode identificar foneticamente com o tetragrama; uma localização na região da Palestina do Sul (Transjordânia) pode ter-se apenas como possível, de modo algum como provada» (p. 182). Quanto ao segundo, atestado em listas do Império Novo (Soleb, Amara e Medinet Habu), «pode comparar-se foneticamente sem dificuldade com o tetragrama» (p. 186) e até com a Palestina (as ocorrências mais recentes, de Ramsés III, em Medinet Habu, mostram uma relação fonética possível com o tetragrama; e «uma referência do nome a uma região do Sul da Palestina, considerando o contexto, é provável», p. 187). Numa palavra: «A perspectiva egiptológica deixa assim adivinhar (vermuten) no tetragrama um nome que não permite a opção alternativa entre nome de região ou nome de tribo. Ambos os aspectos serão de considerar. Sobre a qualidade do tetragrama como nome divino não se tira nada. Mas como Assur pode ser nome de tribo, de país e de deus, não é longo o caminho para a designação de uma divindade protectora de uma região por 'Javé' (p. 187).

Eis tão-só uma amostra de como a Egiptologia fornece contributos estimulantes para a pré-história e proto-história de Israel. Num capítulo que tem dado pasto a tantas especulações a partir de modelos teóricos, é salutar esta lufada de ar fresco vinda das fontes.

José Nunes Carreira

GIANFRANCO RAVASI, *Cantico dei cantici* (Parola di Dio), Edizioni Paoline, Milão/Turim 1986, 2.^a ed., 245 pp.

Segundo a tradição rabínica transmitida pelo Targum (a paráfrase aramaica do Antigo Testamento hebraico) e referida pelo Autor (pp. 162-163), dos dez cânticos transmitidos pela Bíblia só o de Salomão merece o título de «Cântico Maior» ou «Cântico Supremo», *Cântico dos Cânticos* na versão servil do hebraísmo original.